Como era de se esperar, e para a surpresa de ninguém, muito menos para a minha, eu não consegui dormir naquela noite. Enquanto apertava os olhos contra os raios de sol que entravam pelas frestas das cortinas, resumi meu estado em uma frase.

"Eu nunca aprendo."

O menor movimento da minha cabeça resultava em uma dor latejante, como se meu cérebro estivesse batendo contra o crânio. Eu me sentia como uma criança que estava animada demais para dormir antes de uma excursão. A letargia pesava no meu corpo como uma tonelada de tijolos, e fechei os olhos. No escuro, concentrei-me no som da minha própria respiração e desliguei os outros quatro sentidos. Desapegada dos meus ombros e da minha cabeça pesada, exalei, depois inspirei novamente.

Repeti esse processo algumas vezes até que, curiosamente, a sensação de cansaço começou a diminuir. Assim que ela se foi, estiquei a mão e peguei meu celular ao lado do travesseiro. Verifiquei minha caixa de entrada, só por precaução, mas não havia recebido nenhuma mensagem desde o "*Claro, sem problema*" da Shimamura. Pulei da cama.

Se eu quisesse fazer com que meu rosto fantasmagoricamente pálido parecesse um pouco mais apresentável, teria que passar pelo menos um pouco de

maquiagem. Mas primeiro eu precisaria me vestir, talvez comer uma torrada, lavar o rosto... Pouco a pouco, planejei minha rotina matinal na cabeça.

Uma coisa boa — dessa vez eu não acabei usando meu *cheongsam* por desespero. Dito isso, Shimamura *parecia* gostar do vestido, e se ela pedisse, eu o usaria para ela a qualquer momento. Por outro lado, conhecendo-me, eu provavelmente faria *qualquer coisa* que Shimamura pedisse.

Cara, eu sou um caso perdido... ou talvez seja normal? Não, provavelmente não... Sim, estou bem mal. Minha cabeça já doía, e esse conflito interno só piorava a situação. A dor me deixou enjoada.
A temperatura no corredor fora do meu quarto não era muito diferente. O chão parecia gelo.

"Estou encrencada...?"

Dada a frieza, eu não tinha certeza se Shimamura me escolheria em vez do seu *kotatsu* quentinho.

***

Eu estava apenas 50% brincando sobre a questão do *kotatsu*, mas quando vi Shimamura entrar na sala de aula, minhas preocupações derreteram como neve sob o sol de primavera. Somente no inverno eu conseguia *sentir* sua presença preencher meu peito com calor. Na verdade, se fôssemos as únicas pessoas na sala, eu provavelmente teria acenado e gritado como um cachorrinho animado. De repente, eu não me importava mais com o quanto estava privada de sono, tudo graças ao meu raio de sol.

Ugh, raio de sol. Achei que superaria meu constrangimento inicial com o tempo, mas não. Ainda é muito brega.

Em vez de ir direto para a mesa dela, Shimamura veio até mim primeiro. *Mas já?!* Congelada de medo, levantei os braços levemente, como se me preparasse para o impacto.

Ela sorriu. "Não se preocupe. Eu trouxe." Com isso, ela se afastou.

Certo. Claro que ela não me daria em público. De maneira nenhuma isso me surpreendeu, mas foi agoniante ter que esperar — como se eu fosse seu cão e ela tivesse me mandado *ficar*. Ok, talvez não fosse tão ruim assim. Mas se eu fosse seu cão, ela me seguraria em seus braços e me deixaria enroscar no colo dela. Agora que pensei nisso, ser o cachorro dela parecia bem atraente. *Não, não, não. Não, não, não!* Enterrei minhas unhas na testa, tentando voltar à razão.

Antes, eu me perguntava se eu tinha me transformado em uma completa idiota nos últimos meses, e isso tirou qualquer dúvida da minha mente.

Alguns minutos após o início da primeira aula, me virei e fiz contato visual com a Shimamura. Era assim que se sentia ter sua mãe na sala de aula durante o Dia de Levar os Pais à Escola no ensino fundamental? Virei-me para frente e comecei a rabiscar círculos no meu caderno com minha lapiseira.

Se nossos olhos se encontraram... isso significava que Shimamura também estava me olhando.

Claro, considerando que eu estava sentada entre ela e o quadro-negro, dava para dizer que era natural que ela olhasse na minha direção. Isso significava que ela ficava me olhando constantemente de trás. Será que ela notou que eu estava agindo de forma estranha? E se ela pudesse ler mentes secretamente e soubesse de todos os meus devaneios durante a aula? Eu provavelmente me mataria. Felizmente, eu não percebi ela se afastando de mim apavorada, então eu estava quase certa de que ela não podia ler minha mente... uns 95% de certeza. Mas se, a qualquer momento, isso mudasse e ela me batesse no ombro e dissesse, "A puberdade deve ser difícil pra você", eu morreria de *verdade*.

Esses pensamentos me distraíam tanto que eu mal conseguia focar na aula. Olhei ao redor da sala. Ninguém mais parecia animado com o feriado; para eles, aparentemente, era só mais um dia qualquer. Eu era a única pessoa no mundo empolgada para o Dia dos Namorados? Ninguém mais? Sério?

Talvez todos estivessem apenas esperando até a aula acabar. Bem, eu também estava. E se eu me deixasse ficar tão ansiosa às 9 da manhã, eu não ia aguentar até as 3. Precisava relaxar e traçar minhas metas para o dia: ir para Nagoya, comprar chocolate e fazer a troca de presentes. Qualquer coisa além disso seria um bônus.

Talvez eu devesse fazer uma anotação, pensei. Mas quando olhei para minhas mãos…

"Oh."

Eu tinha desenhado um grande círculo no centro da folha, bem no meio das minhas anotações — tão escuro que eu provavelmente não conseguiria apagá-lo completamente. Olhei para o círculo, refleti por um momento e, então, adicionei pétalas ao redor da borda.

Uma flor sombria floresceu de maneira ameaçadora em minhas mãos.

***

Eu não conseguia me lembrar de nada que aconteceu durante as aulas da tarde. Em algum momento depois do almoço, meu cérebro ficou sem memória e desligou. Como prova disso, eu estava com uma dor de cabeça enorme. Claramente, a privação de sono estava cobrando seu preço no meu corpo.

Ainda tinha o resto do dia para esperar, mas meu coração fraco já ansiava pela minha cama. Belisquei minhas pálpebras pesadas; elas fizeram um som agradável ao piscar. Disse a mim mesma que era o som do meu corpo se rejuvenescendo, então me levantei.

Precisava chegar até a Shimamura antes que qualquer outra pessoa pudesse, então me apressei até sua mesa. Ela olhou para mim, com os livros nas mãos, e lentamente sorriu. "Ainda vamos hoje?"

"Sim." Se eu tivesse um rabo, ele estaria balançando feito louco nesse momento.

"Algum lugar em particular que você quer ir?"

"Eu estava pensando em Nagoya, tudo bem? Ou é longe demais?"

"Nagoya?" ela repetiu em voz baixa, com os olhos arregalados. Será que foi um passo muito grande?

Antes que eu pudesse me explicar, ela de repente começou a rir. Agora eu estava preocupada por um motivo completamente diferente; afinal, eu não fazia ideia do que ela achava tão engraçado nisso.

"Incrível," ela disse. "Quase como destino, não é?"

"Hã? Do que você está falando?"

"Ah, nada. Se você não tivesse sugerido Nagoya, eu estava prestes a sugerir. Vamos nessa!" Ela enfiou seus livros na bolsa de forma desajeitada, então saltou da cadeira.

Espera, então... ela também queria ir para Nagoya? Ela estava agindo tão fora do seu normal que me fez hesitar.

Então, ela olhou fundo nos meus olhos. "Então, o que você quer fazer quando chegarmos a Nagoya?"

"Comprar chocolate... Eu, uh, ainda não comprei nada, e... pensei que talvez fosse divertido esperar até o grande dia e..."

Shimamura começou a rir de novo, interrompendo minha fala. "Ha ha ha ha! Você quer comprar chocolate em Nagoya, hein? Parece uma boa ideia!"

Eu fiquei em silêncio. O que estava acontecendo com ela? Ela estava apenas... de muito bom humor? Algo parecia diferente nela, mas eu não conseguia identificar o quê. Era um mistério total. De qualquer forma, fiquei feliz de vê-la tão animada em sair comigo.

Pensando bem, ela ainda não tinha me dado o presente dela. Olhei furtivamente para ela; ela percebeu rapidamente o que estava na minha mente.

“Você queria seu chocolate?”

Eu acenei com a cabeça três vezes em rápida sucessão.

Ela bateu na sua mochila. “Eu quero esperar até você comprar o meu. Caso contrário, não seria uma troca justa, sabe?”

Tenho que esperar ainda mais? Ugh. Ainda assim, ela tinha um ponto. Aparentemente, eu era o cachorro da Shimamura por completo. Arranhei o nariz envergonhada.

“Tem certeza de que não quer ir para casa e se trocar para o vestido chinês primeiro?” ela provocou depois que chegamos à área de estacionamento das bicicletas.

Eu franzi a testa e pensei em uma resposta espirituosa. *Se você quer tanto que eu use, então não me importo.*

Infelizmente, saiu como, “Se... você... quer que eu...”

Tropecei em praticamente cada palavra. Até o arroz frito do meu trabalho falava japonês melhor do que eu.

“Não, não. Demoraria muito,” Shimamura respondeu. Evidentemente, ela achou que eu estava falando sério. Mas, só para constar, não estava. Obviamente.

Antes que eu pudesse me humilhar ainda mais, subi na minha bicicleta, e Shimamura fez o mesmo. Nem saímos do campus ainda, mas tudo bem — comecei a pedalar.

Shimamura provavelmente seria a única pessoa que iria andar na parte de trás da minha bicicleta pelo resto da vida.

Pelo menos, eu secretamente esperava que sim.

***

Quando chegamos à estação de trem, Shimamura olhou para o relógio e disse: “Ah, ainda dá tempo de pegar o trem se corrermos!” Eu não fazia ideia de como

ela havia memorizado o horário dos trens tão bem, mas começamos a correr mesmo assim. Paramos para recuperar o fôlego enquanto a escada rolante nos levava para o segundo andar. Então, assim que chegamos ao mezanino, começamos a correr novamente.

Quando Shimamura estava no comando, até exercícios podiam ser divertidos. Mais ou menos.

Ao passarmos pelos portões e subirmos para a plataforma, um trem regular (não expresso) nos esperava do lado direito, então entramos nele. Não estava tão lotado quanto o trem expresso, mas ainda estava razoavelmente cheio. De todos os assentos deste vagão, apenas um estava livre — um assento de canto.

“Parece que há um assento livre,” comentou Shimamura. Então ela riu. Novamente. “Por que você não ocupa esse, Adachi?”

“Estou bem. Pode ficar com ele.”

“Não, eu acho que você deveria ficar com ele. Você estava dormindo na aula.”

Isso me desanimou completamente. *Cara, eu odeio nossa disposição de assentos.*

“Tá bom, tudo bem…”

Relutantemente, sentei na beira do assento. Shimamura me olhou e, um momento depois, começou a rir novamente. *Por que ela está tão risonha hoje? Será que ela está de bom humor? Porque... porque está comigo? Porque estamos saindo juntas? Ou...?*

À medida que uma explicação alternativa me ocorreu, eu alcancei e toquei meu rosto.

“Ei, Shimamura?”

“Sim?”

“Meu rosto está estranho, por acaso?” perguntei, ansiosa. Talvez seja isso que ela está achando engraçado.

Ao ouvir minha pergunta, os olhos de Shimamura se abriram surpresos. *Espera, então não está? Essa pergunta foi estúpida?* Meu olhar se movia inquieto de um lado para o outro. Então Shimamura começou a rir novamente. *Sério, o que há com ela hoje?*

Ainda assim, seu bom humor era um bálsamo calmante para meus nervos.

“Em um trem não expresso, eu acho que deve levar, tipo, uns vinte minutos para chegarmos lá,” ela disse.

“Uh… sim,” eu assenti, embora na verdade não soubesse com certeza.

Segurando-se no corrimão, Shimamura olhou para mim. “Um pouco monótono, não acha?”

Parecia que ela estava *me* desafiando a encontrar uma solução divertida, quando normalmente esse era o trabalho dela.

“Certo então, uh… quer jogar *shiritori* ou algo do tipo?”

(Nota: Shiritori é um jogo de palavras japonês em que os jogadores devem dizer uma palavra que começa com o kana final da palavra anterior.)

No instante em que sugeri isso, amaldiçoei minha própria estupidez. *O que eu sou, uma criança de cinco anos?*

Mas Shimamura concordou sem hesitar. “Claro, pode ser.”

Sério?!

Antes que eu pudesse me recuperar, ela começou. “Maçã.”

“Uh… ameixa.”

“Uau, andando em círculos, é? Ok, algo com A… Hum… Aceitar.”

“*Rui-be.*”

“Eu não acho que a maioria das pessoas saberia o que é isso, quanto mais como se escreve!”

Continuamos nosso jogo silencioso. Enquanto isso, o trem parava em cada estação e outros passageiros entravam e saíam. Houve várias oportunidades para mudarmos para assentos recém-desocupados em outras partes do vagão, mas permanecemos exatamente onde estávamos, como se tivéssemos medo de perder nosso ritmo.

Então era minha vez novamente, e a letra era A.

Uma palavra que começasse com A… “Am…”

Amor.

“Amhrr!”

Era uma palavra que eu normalmente nunca diria em voz alta, e minha língua tropeçou nela.

Shimamura piscou. “O que foi *isso*?”

“Amálgama…”

“Ah, isso. Sim, eu também não sei como dizer direito.”

Ela acreditou na minha mentira sem hesitação. *Obrigada, Química*, pensei enquanto o gosto de metal se espalhava na minha boca.

Chegamos à Estação de Nagoya, e eu me peguei desejando que a viagem tivesse durado um pouco mais, já que estava gostando da sensação de estar "em uma viagem" com a Shimamura. Eu queria ir a todos os tipos de lugares com ela — não apenas fazer essas viagens rápidas — e esse sonho iluminava meu caminho à frente.

Não que eu realmente precisasse de mais luz no momento. Estava ofuscantemente brilhante aqui no subsolo da loja de departamentos — tão brilhante que eu temia que todos pudessem ver minha úvula toda vez que eu abrisse a boca. O lugar estava lotado de pessoas também. Como o colégio, só que dez vezes pior. Era meio surreal, na verdade.

Quando entramos na seção de confeitaria, Shimamura apontou para um quiosque aparentemente aleatório. “Uau, olha aquela fila enorme! Você poderia comprar ali, não poderia?”

Certamente, o quiosque tinha uma fila muito longa, o que sugeria que o lugar era popular. Todos na fila eram mulheres.

“Mas se formos para aquela fila, você terá que esperar um bom tempo,” ela acrescentou.

Antes que eu pudesse sugerir um quiosque diferente, Shimamura balançou a cabeça pensativamente. “Vamos ver…” Ela puxou o telefone como se estivesse verificando algo. “Eh, estamos bem,” murmurou para si mesma, e depois olhou para mim. “Vamos pensar em algo para passar o tempo. Algo que não seja o jogo de palavras desta vez.”

Normalmente, Shimamura *nunca* se daria ao trabalho de fazer toda essa confusão, então ela devia estar em um humor ridiculamente bom hoje. Por mais feliz que isso me fizesse, eu ainda estava bastante confusa... mas, pelo menos, não estava com medo.

“Ok, uh... que tal... luta de polegares?” Sugeri, já que isso me daria uma desculpa para segurar sua mão. Mais uma vez, era algo que uma criança do ensino fundamental pensaria.

No entanto, ela concordou mesmo assim. “Claro, pode ser.” *Ela é tão do tipo irmã mais velha.* Uma onda de calor me envolveu ao pensar nisso.

Passamos quase vinte minutos na luta de polegares enquanto esperávamos na fila. Então, finalmente, consegui comprar o chocolate. Dito isso, era apenas um pacote variado, sem corações ou qualquer coisa que sugerisse um tema de Dia dos Namorados... porque era a única coisa que restava em estoque.

Com meu presente agora adquirido, fomos para um canto do subsolo — o local com os elevadores e alguns assentos disponíveis. Aqui, as multidões não eram tão intensas. Sentamos frente a frente, e Shimamura sorriu para mim pela enésima vez. Se ao menos ela soubesse o quanto isso me estressava toda vez que ela fazia isso. Afinal, significava que eu tinha que ficar em alerta para não ficar sorrindo como uma idiota.

“Ok, hora da verdade.” Ela puxou um pacote do mesmo quiosque. “Na verdade, eu comprei seu chocolate exatamente no mesmo lugar ontem.”

“Oh, entendi... Espera, o quê?!”

Por que ela me incentivou a comprar o dela lá se isso significava que acabaríamos trocando o mesmo presente? Será que ela queria experimentar esses chocolates específicos ou algo assim?

“Ok, hora de trocar,” disse Shimamura. “Aqui está! Feliz Dia dos Namorados.”

Ainda estava um pouco confusa, mas... um presente é um presente, eu suponho... então trocamos exatamente a mesma caixa de chocolates. De certa forma, foi como descartar uma carta só para tirar a mesma carta de novo, mas, no nosso caso, teve mais significado. *Eu troquei chocolates com a Shimamura*. Isso por si só já era enorme. Certamente nada mais que acontecesse hoje poderia ser mais importante do que isso.

“Não use eles só para decoração, ok? Prometa que vai comê-los antes que expirem.”

Ela provavelmente quis dizer isso como uma piada, claro, mas eu comecei a suar internamente. *Como ela sabia?*

“Ok, então, uh… Vou comer agora mesmo,” eu disse, tentando desviar minha ansiedade. “Uau, você é rápida.”

Ela piscou, levemente surpresa. Assim que falei, abri plástico e levantei a tampa. Como esperado, dentro estava uma seleção variada, exatamente a mesma que eu havia comprado para ela. Peguei um chocolate aleatório e coloquei na boca. Enquanto mastigava, descobri um sabor amago e frutado escondido sob a doçura leitosa. Muito satisfatório, de fato.

“Está bom,” eu lhe disse, previsivelmente.

Ela me olhou de baixo para cima. “Você realmente acha isso?”

“Uh… sim…?”

“Hmmm…”

Ela me observava com ainda mais curiosidade, inclinando-se mais perto. Por algum motivo, ela estava cética. Então, percebi o quão perto estávamos e pensei: *Sabe, talvez não seja tão ruim ter minha sinceridade questionada.*

Nesse momento, Shimamura pressionou seus dedos no canto dos meus lábios.

Confusa, eu a encarei enquanto ela continuava a me cutucar.

O chocolate já havia derretido na minha boca, mas sua doçura ainda persistia.

“Ok, eu acredito em você,” ela disse. Aparentemente aceitando minha palavra como verdadeira, ela se afastou. De forma despretensiosa, me perguntei se havia algo suspeito que eu pudesse fazer para repetir a dose.

“Por que você não come um também?” Por impulso, peguei um chocolate branco e ofereci a ela.

“Certo, vou experimentar um,” ela respondeu.

Ela estendeu a mão para pegá-lo, mas eu desviei dos seus dedos e o segurei em direção à sua boca. “Hum… diga ‘ahh’!”

Silêncio.

Uh, olá? Por favor, diga algo antes que o chocolate derreta entre meus dedos. Estou morrendo.

“Uhh… certo…” Com uma leve relutância na voz, ela se inclinou para frente e deu uma mordida no chocolate. Ela mastigou por um momento. “Oh, uau, isso *é* bom!”

Ela bateu feliz em sua caixa de presentes. Evidentemente, estava ansiosa para abrir a dela mais tarde. Nesse caso, eu estava feliz que nós duas compramos a mesma coisa.

Decidi guardar o resto dos chocolates para outra ocasião, então cuidadosamente recoloquei a tampa e a embalagem. Queria aproveitar o momento e realmente saboreá-los.

Para evitar as multidões excessivas, subimos pelas escadas de volta ao térreo. Quando chegamos ao desembarque, Shimamura tirou o celular mais uma vez.

“Quase na hora,” ela murmurou para si mesma.

“Para quê?” eu perguntei.

Ela guardou o celular. “Apenas me siga, ok?”

Com isso, ela começou a andar. Eu a segui, curiosa.

Ela me conduziu para fora da estação de trem e, ao chegarmos a uma área com uma instalação artística de prata, um tanto estranha, o vento da noite veio nos cumprimentar.

“Ali,” ela declarou, apontando na direção de uma vegetação quase inexistente. Caminhamos até lá e olhamos para o display de LED afixado. Parecia um outdoor, mas nada estava sendo exibido no momento, e tudo estava escuro.

Eu notei que, por algum motivo, um monte de casais estava reunido ao redor, olhando para o display de LED. O que estavam esperando? Olhei para Shimamura com um olhar inquisitivo. Ela sorriu para mim pelo canto do olho.

“Começa às seis. Ah, lá vai!”

Ela apontou para o display de LED, e eu virei o olhar para lá também.

Lá, em um letreiro que antes estava vazio, havia dezenas de mensagens — “*Eu te amo, fulano(a)*” e “*Abraços e beijos XOXO*” e um monte de outras coisas melosas que me deram vergonha alheia. O texto rolava horizontalmente, como na tela de anúncios de um trem. A cada nova mensagem que aparecia, eu ouvia gritos empolgados de “Essa é minha!” e “Eu escrevi essa!” vindos da multidão. Evidentemente, essas eram mensagens especiais de Dia dos Namorados.

Então, no meio de todas as outras mensagens, eu a vi.

“*VAMOS CONTINUAR JUNTAS!! Shimamura Hougetsu*”

O nome estava escrito em kanji e, a princípio, eu não reconheci… mas então caiu a ficha. *Shimamura*.

“Ah!” Depois caiu a ficha. *Seu primeiro nome é Hougetsu?*

“Espera, o quê? Por que seu nome está ali?” Confusa, olhei da Shimamura para o display e dele para ela de novo.

Ela sorriu de forma travessa, como uma criança. “Um programa de horóscopo noturno estava fazendo uma promoção especial, então eu participei.”

Imediatamente, eu soube exatamente do que ela estava falando, porque eu mesmo tinha assistido ao mesmo programa de horóscopo. *Espera… Ela assistia a esse programa todas as noites?* Isso me pegou de surpresa.

Então, outra percepção me atingiu — *esse* era o prêmio que o programa oferecia?

“Não achei que eu iria aparecer pessoalmente para vê-lo, então escrevi algo genérico.” Ela voltou a olhar para o letreiro. Eu segui o exemplo, mas a mensagem dela já tinha saído da tela, substituída por outra. “Caramba, olha como eles estão indo!” ela riu.

Eu ainda estava pensando na mensagem de Shimamura. Era para mim?

“Mas, tipo… o que isso *significa*…?” Eu murmurei.

“Hã? Significa o que estava escrito lá! Continuar junto! Precisa que eu demonstre…?” Ela parecia estar se debatendo.

Isso só me deixou mais envergonhada. “Quero dizer, qual é a ideia geral por trás disso? ‘Vamos continuar amigas,’ ou…?”

É isso? Eu me perguntei. *É tão simples assim? E se ela revirar os olhos para mim por ser estúpida?*

Enquanto eu entrava em pânico, Shimamura ergueu o punho no ar. “Whoooo!” Ela baixou o braço tão rapidamente quanto o levantou. “E agora?” ela perguntou, inclinando a cabeça.

“Oh… O-okay… Agora sim.” Da mesma forma, eu levantei o punho no ar. “Whoooo.”

Seja qual fosse a expectativa dela para isso, ela provavelmente estava bastante desapontada agora. Quieta, ela observou enquanto meu braço lentamente voltava ao meu lado.

“Pensando bem, talvez tenha sido a mensagem perfeita para você.”

“Hã?”

“Quando eu escrevi isso, você era a pessoa em quem eu estava pensando.”

Ela soltou uma risadinha boba em uma exibição exagerada de timidez… e isso foi o que me derrubou. O nível de água no meu peito subiu, e então uma verdadeira onda de alegria rapidamente me varreu do chão.

Shimamura queria continuar sendo minha amiga.

Eu estava tão consumida pela emoção que minha língua adormeceu. Minha mente ficou em branco — minha visão ficou em branco — até que tudo o que eu consegui processar foram apenas fragmentos. Cenário. Movimento.

No instante seguinte, eu estava pressionada contra ela.

Eu não conseguia respirar. Não conseguia piscar. Todo o som se abafou, e eu não conseguia mais mover ou sentir as partes individuais do meu corpo, nem mesmo os braços que a envolviam. Naquele momento, eu era apenas uma massa sólida. Até minha visão estava turva.

Mas havia uma coisa que eu sabia com certeza — Shimamura estava aqui nos meus braços, e eu estava nos dela.

“Adachi…?”

A voz dela vibrava contra meu pescoço, desviando minha atenção para o zumbido nos meus ouvidos. Meus olhos sentiam como se estivessem fervendo em minha cabeça. Quando não consegui mais suportar, dei um tapão nas costas de Shimamura. Senti minhas orelhas vermelhas pulsando forte.

“Ghhcck!”

Tossindo violentamente, Shimamura se afastou, e a sensação retornou para meus membros. Então o sangue esvaiu-se do meu rosto — só para voltar em forma de vingança. *Alguém, por favor, ensine meu corpo a relaxar.*

“De onde veio isso...” Shimamura ia dizendo, só para ser interrompida por mais tosse. Eu me senti culpada e envergonhada; minha língua falhou e não conseguiu fazer um pedido de desculpas. Minha traqueia estava tão apertada que parecia que eu também ia começar a tossir.

“Desculpe,” eu engasguei, com toda a força que consegui extrair da minha garganta. Meu pescoço começou a se contrair e doer. A dor lentamente irradiava pela minha coluna.

“Eu só não estava esperando por isso.” Coçando o pescoço, Shimamura olhou ao redor discretamente, como se estivesse preocupada em chamar atenção.

Afinal, *era* meio estranho... sabe, se abraçar em público... especialmente porque éramos ambas garotas. Na minha cabeça, eu entendia isso, mas meu corpo tinha se movido no piloto automático.

“Enfim, é... não vamos mais fazer esse ‘abraço silencioso surpresa’, ok?” ela continuou, como se estivesse repreendendo gentilmente uma criança.

Eu assenti vigorosamente. *Espera... Isso significa que está tudo bem, desde que eu diga alguma coisa?*

“Então, você está ok com isso?” eu perguntei.

“Hã?”

“Quero dizer, desde que eu... você sabe... pergunte primeiro, ou algo assim?” Eu gesticulei com os braços como se fosse uma espécie de garra.

Ela me olhou por um momento, então entendeu. “Hein? Você quer me abraçar?”

Eu hesitei... então acenei timidamente.

Seus olhos se moveram com desconforto. “Pra quê?”

Você... você realmente acabou de me perguntar isso?

Comecei a entrar em pânico. Era só um impulso — não havia uma razão clara por trás disso. Eu precisava da Shimamura... mas, obviamente, eu não podia dizer isso diretamente! Então vi que ela estava tremendo com o vento e pensei em uma resposta plausível.

“Porque... você é quente? Eu acho?”

Ela olhou para mim com dúvida, os olhos semicerrados. Meu primeiro instinto foi inventar uma desculpa diferente para cobrir a primeira, mas eu já percebia que acabaria cavando minha própria cova se tentasse. Estava completamente encurralada. Então, sem outras opções, decidi me manter firme na minha resposta original, venha o que vier.

“Vamos nos aquecer!” eu sugeri.

Eu quase podia sentir o vapor subindo do meu rosto e orelhas. A verdade é que eu não precisava de mais calor; sentia como se estivesse presa em uma sauna da cintura para cima. Mas era aí que Shimamura entrava, certo?! Sim, eu poderia transferir um pouco desse calor extra para ela! Que motivo mais adorável para um abraço!

Impulsionada pelo impulso que eu havia criado, abri meus braços bem largos. Seus lábios se torceram em uma careta desigual. Então, depois de olhar para a caixa de chocolates por um momento, ela a guardou na mochila e deu dois tapinhas firmes. Ela balançou a cabeça levemente, depois olhou para mim com um sorriso forçado, dando a resposta de sempre.

“Uhhh… claro, por que não?”

No display, dezenas de mensagens passavam rapidamente, aparentemente rápido demais para eu ler. Mas isso era provavelmente uma alucinação da minha parte.

Enquanto isso, Shimamura espalhou os braços em um T-pose e esperou. “Beleza, vem cá.”

Isso me trouxe um problema, porque *definitivamente* eu não tinha coragem suficiente para correr em direção aos braços dela. Baixando os meus de volta aos lados, me aproximei lentamente. Mas então vi ela começar a tremer e senti uma súbita vontade de me apressar, e como resultado, quase tropecei. Felizmente, ela estava lá para me segurar.

Whmmph.

“Oof!” Shimamura soltou um gemido de dor quando minha testa colidiu com sua clavícula.

Eu também fiquei tonta com o impacto. O pânico fez tudo parecer em câmera rápida, e o zumbido nos meus ouvidos era ensurdecedor, mas pelo menos eu ainda podia sentir sua clavícula dessa vez.

“Sabe, quando eu disse ‘vamos continuar juntas’, não era exatamente isso que eu tinha em mente…”

Enquanto pressionava meu rosto contra seu peito, um pequeno suspiro agitou meu cabelo — um suspiro que dizia, “Ah, o que vou fazer com você, hein?” Ela me deu um leve tapinha nas costas. “Você chama isso de quente? Você é só pele e ossos!”

Eu relaxei meu corpo tenso, apoiando meu peso contra ela. Minha testa ainda pressionada com força contra sua clavícula.

“Agh!” ela gemeu novamente de algum lugar acima de mim.

Será que as pessoas ao nosso redor achavam que éramos estranhas? Estavam rindo de nós? Eu não sabia — só conseguia ver a Shimamura. Nesse sentido, era o paraíso na Terra. Era tudo o que eu sempre havia sonhado.

Mas, enquanto flutuava em uma névoa quente e feliz, comecei a me preocupar se talvez fosse tudo apenas um sonho. Eu precisava de algo para provar que era real. Então, levantei meus braços quase inoperantes e os envolvi ao redor dela.